

Política Externa Soviética sob Brejnev (1964-1982): a Marinha Soviética como Instrumento de Poder Político

Douglas de Quadros Rocha¹

RESUMO: Este artigo busca analisar as relações entre a Marinha Soviética e a prática da Política Externa Soviética, sobretudo no Terceiro Mundo, durante o período em que esteve sob a liderança de Leonid Brejnev (1964-1982). Partindo da concepção estratégica de Julian Corbett, a evolução e atuação da Marinha Soviética ao longo do século XX podem ser compreendidas em sua essência defensiva. Na década de 1970, a União Soviética se estabeleceria como uma potência genuinamente global e, para tanto, passou a aplicar sua política externa ao Terceiro Mundo, instrumentalizando suas capacidades navais em favor de seus interesses estratégicos nos termos da disputa da Guerra Fria.

PALAVRAS-CHAVE: União Soviética. Política Externa. Segurança Internacional. Marinha. Guerra Fria. Terceiro Mundo.

¹ Graduando de Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

1 Introdução

As características geográficas russas, cujo território se estende pela amplitude dos continentes europeu e asiático, fazem da Federação Russa uma potência fortemente territorial. Apesar de ter acesso marítimo em diversas de suas fronteiras, seja no Oceano Pacífico e no Ártico, seja no Mar Báltico e Mar Negro, boa parte de suas costas permanecem congeladas durante boa parte do ano. Tal condição impõe constrangimentos que influenciam na concepção estratégica da Rússia, uma vez que todos os acessos aos mares esbarram em pontos de estrangulamento, como os Estreitos Turcos no Mar Negro e os Estreitos Dinamarqueses no Mar Báltico (BUSHKOVITCH, 2014). Assim, a construção de uma Marinha capaz de atuar nos grandes oceanos globais, sendo capaz de projetar poder nas principais linhas de comunicação do mundo, tornou-se um objetivo a ser conquistado ao longo dos séculos. Tal objetivo, que remonta do período czarista, no entanto, só foi conquistado sob a liderança de Leonid Brejnev (1964-1982), quando a União Soviética dispôs dos meios necessários para atuar além de seu entorno estratégico, sobretudo nos países do Terceiro Mundo (THOMPSON, 2003).

Partindo da concepção estratégica do inglês Julian Corbett a respeito da importância da Marinha como instrumento de projeção de poder e controle do mar, o presente trabalho pretende analisar em que medida a Marinha Soviética foi importante na política externa da União Soviética como potência propriamente global durante a liderança de Brejnev. A hipótese inicial atribui às forças navais soviéticas um papel central para a projeção de poder efetivamente global adquirida pela União Soviética na década de 1970, principalmente em relação ao Terceiro Mundo.

O artigo está dividido em três partes, além da introdução e conclusão: a primeira seção apresenta a concepção de Corbett sobre a importância da Marinha como instrumento de política externa no Sistema Internacional; a segunda seção apresenta a evolução estratégica da Marinha Soviética ao longo do século XX; a terceira e última seção pretende demonstrar de que maneira o desenvolvimento da Marinha Soviética nos anos 1970 foi importante para a sua política externa no Terceiro Mundo, sobretudo no Oriente Médio.

2 A Visão Corbettiana Sobre as Forças Navais

O início do século XX foi marcado por um salto qualitativo nas tecnologias, assim como na resistência, letalidade e precisão empregadas às capacidades navais das principais esquadras do mundo. A corrida naval desencadeada poucos anos antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial resultou no desenvolvimento dos grandes encouraçados, principalmente pela *Royal Navy*, “Senhora dos Mares” por cerca de dois séculos (KENNEDY, 1989). Devido a estas transformações no campo militar, houve a necessidade de uma maior teorização sobre a guerra marítima de modo a se adaptar à era dos encouraçados. Assim, dois nomes se destacaram no período: o Almirante estadunidense Alfred Mahan e o estrategista inglês Sir Julian Corbett. As obras *The Influence of Sea Power upon History (1660-1783)*, escrita em 1890 por Mahan, e *Some Principles of Maritime Strategy* escrita em 1911 por Corbett, são consideradas até os dias atuais como marcos iniciais da estratégia marítima.

Dado o objeto do presente artigo, isto é, a Marinha Soviética e sua relação com a política externa soviética, mostra-se útil a compreensão teórica desenvolvida por Corbett, uma vez que a estratégia marítima da União Soviética ao longo da Guerra Fria foi em grande medida influenciada pela visão corbettiana. Fortemente influenciado por Carl von Clausewitz, Corbett buscou aplicar os princípios da teoria clausewitziana à guerra marítima, uma vez que o estrategista prussiano se ateve apenas à guerra terrestre. Em sua obra *Some Principles*, Corbett (1911) apresentou uma crítica à visão de Mahan, pontuando os princípios que, segundo a sua concepção, estavam mais alinhados à guerra marítima do século XX. Dentre os mais relevantes princípios estão: i) a Marinha deve atuar em favor de interesses e objetivos políticos; ii) o principal objetivo das forças navais é o controle e o comando do mar através das linhas de comunicação marítimas; iii) a interdependência entre as forças terrestres e as forças navais; iv) a defesa prevalece sobre o ataque.

Para início, cabe sublinhar o reconhecimento feito por Corbett sobre a importância das forças navais como instrumento para o desenvolvimento nacional, mas sobretudo para atingir objetivos políticos. Segundo o estrategista, não se pode desvincular as capacidades militares dos interesses políticos nacionais desenvolvidos no interior da política externa, a qual orienta os objetivos da Marinha (CORBETT, 1911).

Os interesses políticos seriam superiores aos interesses militares, limitados a objetivos táticos, e a Marinha constituiria assim um importante instrumento da política externa do Estado no Sistema Internacional. No caso soviético, fica nítida a inter-relação entre os objetivos de política externa e a obtenção de vantagens militares, estabelecendo facilidades navais com os principais aliados políticos no Terceiro Mundo: um exemplo clássico é a relação político-militar com o Egito a partir de 1956, durante a liderança do presidente Gamal Abdel Nasser (DRAGNICH, 1974; HALLIDAY, 2005).

O princípio central em torno do qual toda a teoria corbettiana gravita é a importância do controle das linhas de comunicação marítimas. Segundo Corbett (1911), a capacidade de projetar poder, seja durante a guerra, seja durante os períodos de paz, está intimamente ligada ao controle dos principais corredores marítimos nos grandes oceanos. Uma vez que tal controle fosse alcançado, as embarcações de uma potência poderiam aumentar sua flexibilidade de ação e atuar no suporte de suas forças terrestres, agindo de forma conjunta e coordenada, impedindo dessa maneira o acesso das forças navais inimigas ao território nacional (GOUGH, 1988). Assim, não se mostra necessária a completa destruição das forças navais inimigas, apenas o comando e controle destas linhas de comunicação (VIOLANTE, 2015), principalmente dos principais estreitos e estrangulamentos estratégicos.

Por fim, o último princípio corbettiano diz respeito à superioridade estratégica da defesa em relação ao ataque. Partindo dessa noção clausewitziana, Corbett era defensor de que a defesa deveria ser privilegiada em termos navais, devendo a Marinha privilegiar embarcações com maior flexibilidade de ação para a atuação com objetivos limitados e estratégicos (VOLANTE, 2015). Assim, grandes e pesadas embarcações deveriam ser evitadas em compensação de outras menores e mais leves, capazes de estarem presentes em locais específicos quando necessárias e defender o território nacional. Tal concepção defensiva ia ao encontro da concepção de segurança da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), também fortemente defensiva e que privilegiava a utilização de submarinos com mísseis estratégicos e embarcações capazes de atuar pontualmente nos principais cenários de disputa.

Como se verá a seguir, a concepção e construção da Marinha Soviética ao longo do século XX foi fortemente influenciada pelas concepções de Julian Corbett. Fundamentada em uma visão defensiva e altamente estratégica, a evolução histórica da Marinha Soviética representa a tentativa de consolidação como potência propriamente global, atuando para além do seu entorno estratégico.

3 Evolução Estratégica da Marinha Soviética

As origens da Marinha Soviética remontam ao período do Império Russo, mais precisamente durante o reinado de Pedro, o Grande (1682-1721). Até a ascensão de Pedro ao poder no império czarista, a Rússia era fortemente territorial, não dispendo de saídas para os chamados “mares quentes”, capazes de acessar as grandes linhas de comunicação oceânicas. Devido ao grande interesse do imperador por navios, Pedro estabeleceu como objetivo a elevação da Rússia à condição de potência em igual posição às outras potências europeias, e para atingir tal objetivo, fazia-se necessária a construção de uma Marinha adequada (BUSHKOVITCH, 2014). Durante seu reinado, a Rússia conquistou os territórios que davam acesso ao Golfo da Finlândia e ao Mar Báltico, onde edificou a futura capital russa, São Petersburgo, uma janela para o Ocidente, para as grandes rotas marítimas e em última instância, para o progresso (ANDERSON, 2004).

Outro período de expansão marítima importante foi durante o reinado de Catarina, a Grande (1762-1796), quando a Rússia conquistou os últimos territórios do vale do Don, tendo acesso ao Mar Negro e se estabelecendo como potência naval dominante na região. O Mar Negro se tornou assim um dos principais acessos ao interior russo, porta de entrada para boa parte do comércio internacional e projeção de poder em direção ao Mediterrâneo. No entanto, desde esse período, a expansão da presença naval russa no Mediterrâneo esbarrou nos interesses das principais grandes potências europeias, Grã-Bretanha e França, sem deixar de mencionar os constrangimentos impostos nos Estreitos Turcos. Por volta de 1890, a Rússia figurava como a terceira maior potência naval, apesar da derrota para as potências aliadas durante a Guerra da Crimeia (1853-1856), o que freou a projeção do poder naval russo na região.

Após a Revolução Russa de 1917, a União Soviética passou por um processo de reordenamento interno nos mais diversos âmbitos nacionais, incluindo a própria concepção estratégica da Marinha Soviética face à ameaça constante das forças capitalistas contrarrevolucionárias. Devido às conturbações nos primeiros anos após a Revolução, com a intervenção externa e uma guerra civil que se estendeu até 1922, foi durante a liderança de Josef Stalin, a partir de 1924, que a Marinha Soviética foi confrontada por uma disputa entre duas visões estratégicas: a Antiga Escola e a Nova Escola. A Antiga Escola, representada por Boris Gervais, advogava em favor da retomada da visão mahanianiana adotada durante o período czarista, a qual estava fundamentada na estratégia de comando do mar (WHITTEN, 1998). Tal estratégia passava pela construção de uma Marinha de águas azuis capaz de proteger as linhas de comunicação soviéticas e impedir perigos anfíbios ao território nacional. Já a Nova Escola, representada por Mikhail Petrov, apesar de manter a necessidade de uma Marinha de águas azuis, defendia o desenvolvimento de submarinos e *destroyers* em ligação direta com a guerra de guerrilha em alto-mar (LOVETT, 2010a).

Apesar da vitória da Nova Escola, formou-se uma síntese entre as duas visões no final dos anos 1930, a chamada Escola Soviética. Tal síntese correspondeu ao ajustamento da visão da Nova Escola com a visão da Antiga Escola da doutrina do “comando limitado dos mares”, devendo as forças navais auxiliar as tropas terrestres em áreas críticas à segurança nacional (WHITTEN, 1998). A partir dessa nova concepção estratégica, a União Soviética passou a privilegiar a construção de submarinos e da aviação (LOVETT, 2010a). Como pode ser percebido, a Escola Soviética possuía uma visão de forte correspondência com a concepção de Corbett sobre a atuação da Marinha.

Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, durante os expurgos stalinistas dos anos 1930, a Marinha foi redimensionada por Stalin para a construção de grandes embarcações em igual posição às demais grandes potências. Um plano de construção naval foi posto em prática, priorizando navios de guerra, cruzadores pesados e submarinos, deixando em aberto a discussão sobre a construção e a implementação de porta-aviões na Marinha (LOVETT, 2010a). Tal discussão seria

retomada com força no período da liderança de Nikita Krushev nos anos 1950, sob a influência do Almirante Gorshkov.

Gorshkov é reconhecido como a principal personalidade envolvida na nova concepção estratégica da Marinha Soviética durante os anos de Krushev, e principalmente durante os anos Brejnev. Buscando dotar a União Soviética de uma Marinha de águas azuis, capaz de atuar globalmente, Gorshkov partiu da nova condição nuclear do pós-Segunda Guerra para traçar um plano de reaparelhamento naval. O plano desenhado era fortemente alicerçado na construção de uma força aérea, mas principalmente na construção de submarinos com capacidade de entrega dos novos artefatos nucleares, sendo capazes de impedir o acesso ao entorno estratégico soviético pelas contrapartes ocidentais durante a Guerra Fria (LOVETT, 2010b). Novas classes de submarinos foram desenvolvidas ainda durante os anos de Stalin, como a classe *Whisky* e a *Zulu*, ambas baseadas em modelos de submarinos alemães.

Para Krushev, no entanto, a era das grandes embarcações de superfície havia terminado. Influenciado pelos avanços tecnológicos dos armamentos nucleares, o líder soviético advogava pelo desenvolvimento de mísseis balísticos nucleares que em sua visão, haviam transformado o conceito de guerra no mar. Dessa forma, privilegiou a construção de submarinos capazes de lançar mísseis cruzadores submersos, em detrimento de uma frota mais balanceada composta por embarcações de superfície convencionais (LOVETT, 2010b). Devido a esta visão, Krushev compartilhava da ideia de que os porta-aviões se tornavam tão obsoletos quanto os navios de guerra, dentro do projeto de modernização lançado por Gorshkov. Para garantir a sua segurança, a União Soviética deveria se basear no desenvolvimento de capacidades nucleares que, de acordo com o líder soviético, apresentavam um maior custo-benefício que as capacidades navais convencionais. A Marinha Soviética estaria assim alicerçada em três pilares: uma frota de superfície, submarinos e uma força aérea (LOVETT, 2010b).

A partir desse momento, a União Soviética embarcou em uma corrida armamentista com os Estados Unidos em termos tecnológicos, de seus submarinos e porta-aviões. Buscando superar o desequilíbrio estratégico, Moscou se tornou cada vez mais dependente da construção e desenvolvimento de submarinos com capacidades nucleares. No entanto, tal situação de fragilidade seria exposta durante

a Crise dos Mísseis Cubanos de 1962, quando ficou evidente que embarcações de superfície, notoriamente os porta-aviões estadunidenses, ainda prevaleciam em conflitos de baixa intensidade (LOVETT, 2010b). A derrota humilhante de Kruschev face à Crise dos Mísseis foi a causa de sua posterior queda como líder da União Soviética e, mais ainda, representou uma mudança na concepção da Marinha Soviética a respeito dos porta-aviões que passaram a ser incorporados em sua estrutura a partir da década de 1960, já sob a liderança de Leonid Brejnev (LOVETT, 2010b).

4 O Período Brejnev e a Construção da Potência Global Face ao Terceiro Mundo

O período em que a União Soviética esteve sob a liderança de Leonid Brejnev pode ser considerado como o auge e amadurecimento do poder da superpotência soviética em termos políticos e militares. Em quase duas décadas, entre 1964 e 1982, a União Soviética buscou superar a assimetria existente em relação aos Estados Unidos, utilizando as margens criadas pela *Détente* para se desenvolver internamente rumo à condição de uma potência propriamente global (THOMPSON, 2003). Boa parte do caminho para alcançar tal objetivo passou pelo desenvolvimento e modernização da Marinha, capaz de atuar globalmente em favor dos interesses de Moscou, principalmente nos países do Terceiro Mundo que se libertavam das amarras do colonialismo europeu. Nesse sentido, Brejnev soube instrumentalizar o poder militar soviético em favor dos interesses políticos com relação a estes países, estabelecendo pontos de apoio militar estratégicos nas principais linhas de comunicação do mundo.

Durante a segunda metade da década de 1960, a União Soviética passou por um processo de modernização militar que já vinha do período Kruschev, como visto anteriormente. Tal processo foi acompanhado pelo aumento da projeção de poder soviética em direção aos principais mares e oceanos do mundo, tendo estabelecido pela primeira vez uma presença permanente no Mediterrâneo (1964), no Oceano Índico (1968) e no Caribe (1969) (GOLAN, 1989; THOMPSON, 2003). Para isto, o debate sobre a incorporação de porta-aviões na Marinha Soviética foi trazido à tona e ficou clara a necessidade deste tipo de embarcação para o futuro da batalha

naval. Apesar de enfrentar resistências por autoridades que advogavam em favor dos submarinos, conjuntamente com a força aérea, os porta-aviões se mostraram essenciais para fazer frente aos submarinos *Polaris* estadunidenses, lançadores de mísseis nucleares, presentes no Mediterrâneo (GOLAN, 1989). A partir desta nova concepção estratégica, as novas classes de porta-aviões *Moskva* e *Kiev* poderiam servir para o estabelecimento da hegemonia soviética em regiões do mundo vitais para seus interesses, assim como para a defesa das linhas de comunicação marítimas (LOVETT, 2010b).

Para estabelecer uma presença genuinamente global, no entanto, fazia-se necessário que Moscou tivesse a sua disposição uma série de bases de apoio militar capazes de receber e abastecer as novas embarcações de guerra em construção. E é a partir deste momento que a política externa da União Soviética passou a considerar em maior grau as relações com o Terceiro Mundo e os países que se tornavam independentes. No entanto, cabe salientar que apesar dos objetivos globais de sua política externa, Moscou acabou priorizando as relações com os países do Terceiro Mundo de seu entorno estratégico direto, com especial destaque para o Oriente Médio e o Mediterrâneo (GOLAN, 1989; HALLIDAY, 1982). A justificativa dessa atitude está na elevada consideração que a segurança nacional possuía no pensamento estratégico soviético, dentro de um sistema bipolar majoritariamente capitalista em permanente hostilidade ao subsistema socialista.

No final da década de 1960, a União Soviética passou a utilizar nas práticas de sua política externa a chamada diplomacia naval ou coercitiva. Dotada agora de capacidades navais consideráveis e com uma maior disposição para atuar no Terceiro Mundo, Moscou recorreu à força como instrumento diplomático pela primeira vez em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias. No entanto, vale destacar que tal postura soviética, ao contrário das percepções dos países ocidentais, estava pautada por uma posição defensiva: os movimentos tomados pela Marinha Soviética ao redor do globo tinham como objetivo principal deter as forças nucleares ocidentais, sobretudo forças dos Estados Unidos representados pela Sexta Frota, estacionada no Mediterrâneo (IISS, 1979). Outros objetivos se resumiam a exercícios navais regulares, como forma de pressão política e militar, além de assegurar o controle

sobre as linhas de comunicação marítimas com o Terceiro Mundo, tanto para ações militares, quanto econômicas.

Tal forma de diplomacia coadunava interesses militares e políticos em relação aos países do Terceiro Mundo, mas se inseria na própria lógica da disputa bipolar da Guerra Fria. Ao expandir as relações diplomáticas, econômicas e militares com estes países, a União Soviética assegurava uma maior margem de manobra em situações de crises que conflitassem com os interesses dos países ocidentais (IISS, 1979). Boa parte das relações diplomáticas com estes países era acompanhada por tratados de ajuda econômica, fornecimento de material bélico ou treinamento militar, e em alguns casos estratégicos, pela disponibilidade de facilidades navais nos principais portos. Com o acesso a estes portos, a Marinha Soviética possuía pontos de apoio para abastecimento e manutenção de suas capacidades, o que possibilitava uma presença permanente em áreas distantes e com um raio de operação muito maior do que se dependesse apenas de seus portos nacionais (GOLAN, 1979; IISS, 1979). Dessa forma, a União Soviética reafirmava sua posição e projeção de força como uma potência genuinamente global face aos Estados Unidos.

A Figura 1, abaixo, mostra os principais países do Terceiro Mundo em que a União Soviética dispunha de facilidades navais ao longo das quase duas décadas da liderança de Brejnev. O interessante a se notar é que boa parte destas facilidades eram concedidas por países estrategicamente localizados nas principais linhas de comunicação marítimas e pontos de estrangulamento do mundo, como Egito, Etiópia e Iêmen do Sul, que davam acesso ao Canal de Suez e ao acesso entre o Mar Vermelho e o Oceano Índico.

Figura 1: Facilidades navais soviéticas no Terceiro Mundo (1964-1982)²

Fonte: GOLAN, 1979; IISS, 1979. Elaboração do autor.

Estas facilidades navais se mostraram extremamente importantes durante as principais crises dos anos 1970, quando as forças soviéticas demonstraram eficiência na entrega de material bélico e envio de tropas de suporte para os principais países terceirmundistas envolvidos. Três situações merecem destaque: a Guerra de Yom Kippur (1973), a Guerra Civil Angolana e a Guerra de Ogaden (1977-1978). Nas duas guerras árabe-israelenses de 1967 e 1973, a União Soviética foi a principal responsável pelo suporte de material bélico aos países árabes envolvidos. Desde 1956 o Egito figurava como o aliado estratégico mais importante na região e desde então vinha estreitando os laços econômicos e militares com Moscou, sobretudo devido à tendência antiimperialista de Abdel Nasser (DRAGNICH, 1974). Apoiadora dos regimes nacionalistas anti-imperialistas no Oriente Médio, a União Soviética figurou como a principal aliada dos países árabes contra os interesses ocidentais e israelenses na região (WOLFE, 1969). Após a humilhante derrota árabe sofrida na Guerra dos Seis Dias (1967), a ajuda militar concedida por Moscou na Guerra de Yom Kippur foi essencial para evitar a repetição do mesmo destino catastrófico,

² Os seguintes países ofereciam facilidades navais para a URSS: Angola, Argélia, Benin, Cuba, Egito (até 1976), Etiópia, Líbia, República Democrática Popular do Iêmen, Síria, Somália (até 1977), Tunísia e Vietnã. Egito e Somália se destacam por terem mudado seus alinhamentos dentro da ordem da Guerra Fria durante o período Brejnev. (GOLAN, 1979; IISS, 1979).

o que garantiu à União Soviética um grande prestígio político e militar entre os povos árabes (THOMPSON, 2003).

Já nos outros dois eventos, tanto na Guerra Civil Angolana, quando na Guerra de Ogaden, uma semelhança os une: a participação de soldados cubanos em apoio aos interesses aliados de Moscou. Aqui vale destacar o papel de aprovisionamento de tropas cubanas e de material bélico para o Movimento de Libertação da Angola (MPLA) e para o governo etíope de Mengistu, respectivamente, em cada um dos conflitos. Ao utilizar suas forças navais desta maneira, a União Soviética demonstrou alto grau de flexibilidade e projeção de poder em escala global, atuando em favor de seus aliados no Terceiro Mundo, condição até então vinculada somente aos Estados Unidos (THOMPSON, 2003). A consequência de longo prazo dessa situação foi a progressiva dependência destes aliados em relação à ajuda econômica e militar fornecida pela União Soviética, mantendo os laços em favor dos interesses soviéticos, e consequentemente aumentando a projeção de poder e influência política soviéticas no Terceiro Mundo (GOLAN, 1979).

No entanto, os anos 1970 foram marcados também por mudanças políticas e estratégicas com relação a alguns países terceiro-mundistas, sobretudo no Egito e na Somália. Com relação ao Egito, aliado estratégico de longa data, a anulação do tratado de amizade em 1975 e a anulação das facilidades navais representaram uma mudança de alinhamento que resultaram na passagem do Egito para a influência ocidental após os Acordos de *Camp David*, em 1978 (CARRERAS, 1995; HALLIDAY, 2005). No entanto, tal perda estratégica no Oriente Médio foi compensada por uma maior aproximação com os regimes na Líbia e na Síria (GOLAN, 1979). Com relação à Somália, o apoio soviético dado ao regime marxista da Etiópia durante a Guerra de Ogaden rompeu a aliança com o governo somali. Tal ruptura representou a perda pela União Soviética das facilidades navais na entrada do Mar Vermelho, o que limitou a presença soviética no Oceano Índico, área considerada estratégica após o Mar Mediterrâneo (GOLAN, 1979).

Assim, por volta do final da década de 1970, a União Soviética dispunha de certa paridade em termos estratégicos com os Estados Unidos e poderia ser considerada uma potência com alcance e atuação genuinamente globais. Os anos sob a liderança de Brejnev representaram para a Marinha Soviética uma relativa

modernização e expansão em termos de submarinos e porta-aviões capazes de dissuadir as principais forças ocidentais em seu entorno estratégico e linhas de comunicação. Apesar das mudanças desfavoráveis à Moscou ao longo dos anos 1970, sobretudo nos casos do Egito e da Somália, o poder internacional soviético se manteve com o fortalecimento de relações com outros países que consolidaram regimes de tendência marxista-leninista, como em Angola, Etiópia e Iêmen do Sul. A atuação da União Soviética nos principais eventos internacionais, ao longo do período, demonstrou a crescente importância conferida aos países do Terceiro Mundo, sobretudo como margem para o aumento de seu poder relativo dentro da disputa bipolar da Guerra Fria.

5 Considerações Finais

O período em que a União Soviética esteve sob a liderança de Leonid Brejnev (1964-1982) pode ser considerado o auge do poder relativo da superpotência soviética nos termos da disputa Leste-Oeste na Guerra Fria. As capacidades e condições sobre as quais a União Soviética pôde agir foram resultado de um longo processo de reestruturação interna iniciada ainda no período stalinista. Neste processo, a Marinha Soviética não poderia ficar excluída, dado que buscou acompanhar as mudanças no *status* relativo soviético, rumo ao de uma superpotência com alcance e atuação genuinamente globais. Ao fim do período analisado, a União Soviética havia superado com relativo sucesso as assimetrias estratégicas que a separava dos Estados Unidos, tendo condições inclusive de agir no Terceiro Mundo e expandir sua área de influência política, econômica e militar.

Quando se analisa a concepção estratégica da Marinha Soviética, é visível o seu caráter eminentemente defensivo. Contrariando a opinião de muitos acadêmicos e políticos ocidentais que percebiam na atuação soviética uma espécie de plano de dominação mundial, a estratégia política e militar soviética visava, sobretudo, assegurar a defesa de seu território nacional e entorno estratégico. Em termos marítimos, a síntese representada pela Escola Soviética demonstrou uma forte influência das visões do estrategista inglês Sir Julian Corbett, o qual concedia especial importância à defesa em comparação ao ataque, mas sobretudo ao controle limitado dos mares e das principais linhas de comunicação marítimas. Tais percepções estão alinhadas

com as opções tomadas pela União Soviética na construção de uma Marinha com capacidade de dissuasão e de controlar os principais estrangulamentos e linhas de comunicação que condicionavam sua atuação global.

Em termos de política externa, mostrou-se extremamente pragmática, sobretudo sob a liderança de Brejnev nos anos 1970. Neste período houve a síntese entre interesses políticos e militares, o que só foi possível graças ao desenvolvimento soviético em termos militares e econômicos, impulsionando a política externa soviética cada vez mais em direção ao Terceiro Mundo. Tal movimento foi propício em razão da *Détente* estabelecida com os Estados Unidos, o que liberou energias para expandir sua influência nesta nova arena de disputas da Guerra Fria. O que se pôde perceber é que, apesar de utilizar de acordos econômicos e militares, além de facilidades navais por parte dos regimes favoráveis à Moscou, a Marinha Soviética agiu de forma estratégica e pragmática, priorizando acima de tudo a segurança nacional em detrimento de uma projeção de poder realmente ofensiva.

Assim, a relação entre a Marinha Soviética e sua política externa pode ser considerada fortemente relacionada, uma vez que as capacidades navais forneceram as condições para que a URSS pudesse desempenhar uma atuação internacional mais arrojada em posição de força sem precedentes. No entanto, tais capacidades navais foram instrumentalizadas nas relações com o Terceiro Mundo, não sendo seu objetivo principal a expansão ofensiva em direção a estes países, mas sim a defesa da integridade nacional e do subsistema socialista face às forças hostis dispostas pelo Ocidente em seu entorno estratégico.

Soviet Foreign Policy Under Brejnev (1964-1982): the Soviet Navy as an Instrument of Political Power

ABSTRACT: This article seeks to analyze the relations between the Soviet Navy and the practice of Soviet Foreign Policy, especially in the Third World, during the period in which it was under the leadership of Leonid Brezhnev (1964-1982). Starting from the strategic conception of Julian Corbett, the evolution and performance of the Soviet Navy throughout the 20th century can be understood in its defensive essence. In the 1970s, the Soviet Union would establish itself as a genuinely global power and, to this end, began to apply its foreign policy in the Third World, instrumentalizing its naval capabilities in favor of its strategic interests under the Cold War dispute.

KEYWORDS: Soviet Union. Foreign Policy. International Security. Navy. Cold War. Third World.

Referências

- ANDERSON, P. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUSHKOVITCH, P. *História Concisa da Rússia*. São Paulo: Edipro, 2014.
- CARRERAS, J. *El Mundo Árabe e Israel*. 2 ed. Madrid: ISTMO, p.145-201, 1995.
- CORBETT, J. *Some Principles of Maritime Strategy*. London: Longmans, Green and Co, 1911.
- DRAGNICH, G. S. *The Soviet Union's Quest for Access to Naval Facilities in Egypt prior to the June War of 1967*. Springfield: NTIS, 1974.
- GOLAN, G. The Soviet power and policies in the third world: The Middle East. *The Adelphi Papers*. Londres: IISS, v. 19, n. 152, p. 47-54, 1979.
- GOUGH, B. M. Maritime strategy: The legacies of Mahan and Corbett as philosophers of sea power. *The RUSI Journal*. Londres: RUSI, v. 133, n. 4, p. 55-62, 1988.
- HALLIDAY, F. *L'URSS et le Monde arabe*. Paris: Le Sycomore, 1982.
- _____. *The Middle East in International Relations: Power, Politics and Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

IISS. The soviet navy as a political instrument. *Strategic Survey*. Londres: IISS, v. 80, n. 1, p. 20-24, 1979.

KENNEDY, P. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LOVETT, C. The Russian/Soviet Navy, 1900-1945. In: HIGHAM, R; KAGAN, F.W. *The Military History of Soviet Union*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2010a.

_____. The Soviet Cold War Navy. In: HIGHAM, R; KAGAN, F.W. *The Military History of Soviet Union*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2010b.

THOMPSON, William. *The Soviet Union under Brezhnev*. Londres: Pearson Longman, 2003.

VIOLANTE, A. R. A teoria do poder marítimo de Mahan: uma análise crítica à luz de autores contemporâneos. *Revista Escola de Guerra Naval*. Rio de Janeiro: EGN, v. 21, n. 1, p. 223-260, 2015.

WHITTEN, R. Soviet sea power in retrospect: Admiral of the fleet of the Soviet Union Sergei G. Gorshkov and the rise and fall of the Soviet Navy. *The Journal of Slavic Military Studies*, v. 11, n. 2, p. 48-79, 1998.

WOLFE, T. W. The USSR and the Arab World. In: *Middle East Institute*, 1969, Washington DC.